

## **A formação da literatura norte-americana, comparada com a literatura colonial brasileira, e a contraposição das visões puritana e neoclássica**

Para se fazer uma análise, tanto do processo de formação da literatura norte-americana como da literatura colonial brasileira, é necessário recorrer ao modo como se deram as diferentes colonizações nesses dois países e que refletiram não só na literatura, mas também na formação das características dos seus povos e na construção de suas histórias.

A formação da literatura norte-americana acompanhou o processo de formação de uma Nação que os colonizadores ingleses, que lá chegaram, buscavam. Saídos de uma Inglaterra que não atendia mais as suas expectativas, trouxeram para a América os seus anseios de construir suas vidas na nova terra, o que seria para eles, crédulos fielmente em Deus, a terra prometida. Apesar de no início não se ter uma literatura de qualidade nos E.U.A., fato que predominou durante os períodos Colonial (basicamente com os sermões puritanos e documentos de viagem) e Neoclássico (que embora revolucionário, ficou ainda à sombra de Shakespeare), e que se alteraria somente no Romantismo, existia uma certa liberdade representada pela permissão de imprensa e a circulação de jornais.

Essa mesma liberdade não existia no Brasil-colônia, cuja colonização foi marcada pela exploração exercida pelos Portugueses e outros povos que passaram por nossas terras, como afirmou Alfredo Bosi, em sua “História concisa da Literatura Brasileira, “(...) *em nosso caso, foi a terra a ser ocupada, o pau-brasil a ser explorado, a cana-de-açúcar a ser cultivada, o ouro a ser extraído; numa palavra a matéria-prima a ser carregada para o mercado externo (...)*” (2004, p.11). A literatura colonial brasileira então, durante o vínculo com a coroa portuguesa, não teve características próprias, resumindo-se a textos de informação dessa colonização no período denominado de “Literatura de Informação” e depois, ficando à sombra da literatura portuguesa, que por sua vez, passado o clímax do épico quinhentista, passou a figurar como nação periférica na literatura do continente europeu. “(...) *A situação afetou em cheio as incipientes letras coloniais que, já no limiar do século XVII, refletiriam correntes de gosto recebidas de “segunda mão”. O Brasil reduzia-se a condição de subcolônia... (...)*” (Bosi, p.12).

Em suma, a grande diferença entre a formação das literaturas no Brasil e nos E.U.A. é que no primeiro existia um espírito de colônia, marcado pela exploração e, no segundo, um espírito de nação, marcado pela busca de liberdade.

A busca de liberdade do povo norte-americano culminou com a Declaração de Independência em 1776, e para qualquer povo, normalmente a independência de uma colônia é infinitamente importante, pois é nela, ou a partir dela, que se cria uma “identidade nacional”, fato que não acontece quando a metrópole impõe a sua cultura.

A literatura autêntica de uma nação começa sempre com a idéia de independência e os sentimentos de igualdade, liberdade e fraternidade. No caso dos E.U.A., depois da independência, houve um tempo em que a Nação estava se formando, assim como a sua sociedade, e a literatura acompanhou essa formação no chamado período Neoclássico, que foi de 1776 a 1820, vindo a se firmar, com identidade própria, no surgimento do Romantismo, considerado a parti de 1820.

Antes do Romantismo, a literatura norte-americana viveu a contraposição das visões “puritana” e “neoclássica” que marcaram as suas duas primeiras fases. A própria colonização dos E.U.A. se deu pela chegada dos puritanos que deixaram uma Inglaterra e uma Europa que se afastavam cada vez mais de Deus, o que não era aceito por aqueles intoleráveis e não maleáveis, que acreditavam e pregavam que não havia outra regra senão a religião, a vontade de Deus como está no Antigo Testamento: “(...) *Olho pro olho, dente por dente. (...)*”. Essa forma de pensar, “guiada pela religião”, marca a literatura norte-americana do seu período colonial com os sermões, as poesias religiosas e os documentos de colonização. Já a visão neoclássica que surge na Inglaterra, sob forte influência francesa, antepõe-se ao pensamento puritano, pois baseia-se numa explicação científica dos acontecimentos, num afastamento de Deus, quando o homem passa a ser guiado pela razão, agindo com maior tolerância no “*amar ao próximo como a si mesmo*”.

O período Neoclássico da literatura norte-americana, iniciado com a independência em 1776, traz à cena o conflito Ciência x Fé, onde a razão entra em choque com os dogmas, e o homem passa a discutir a sua importância no mundo. Assim como no período colonial, não existe uma grande produção literária no neoclassicismo, que apesar de considerado revolucionário, é marcado pela efetivação da liberdade e pela preocupação do povo em construir uma nação. A literatura é de divertimento, onde William Shakespeare, embora representante da antiga metrópole, é muito lido.

Referências:

BOSI, ALFREDO. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2004.

Vitor Fernandes